

116



# MUSICA

REVISTA DE ARTES

DIRECTORES  
 GASTÃO DE BETTENCOURT  
 JOÃO DE CAMPOS SILVA

N.º 3

8 FH



# OVOMALTINE

alimento nutritivo e fortificante  
para pessoas saudáveis e doentes  
para pessoas cansadas de trabalho.  
para nervosos e fracos  
para mães novas  
para crianças e pessoas de idade

**Alto valor nutritivo, digestibilidade fácil**

Dr. A. WANDER S. A., BERNE

Fabrica de productos dietéticos com malte

FUNDADA EM 1865

Unicos concessionarios para Portugal

**ALVES & C.<sup>a</sup> (Irmãos)** R. dos Correios, 41. 2.º LISBOA

Compra

10. MAI 2010



# PIANOS - C. BECHSTEIN

*O maravilhoso piano, de cauda **Bechstein** tem sempre feito as minhas delicias e considero esse instrumento o melhor dentre os melhores.*

Rey Collaço

Representação exclusiva da casa

**J. Heliodoro d'Oliveira**

Rocio, 56, 57, e 58 - LISBOA

Musica

88 81



J. Heliodoro d'Oliveira

**ARMAZEM DE PIANOS**

Representante exclusivo das celebres marcas de

**PIANOS**

**C. BECHSTEIN**, de Berlim

**Rud IBACH Sohn**, de Barmen

**STEINBERG & C.<sup>o</sup>**, de Berlim

**Gebr. ZIMMERMANN, A. G.**, de Leipzig

Venda, locação, concerto e afinação

**AUTO-PIANOS e ROLOS**

Grande stock de musica nacional  
e estrangeira

**GRAMOFONES E DISCOS**

Endereço Teleg. OLIVEIPIANOS — LISBOA

**TELEFONE N. 3660**

**ROCIO 56, 57 e 58**

**LISBOA**

H. MISSA, L.<sup>DA</sup>

Fabrica Portugal

Regueirão dos Anjos

LISBOA

Tel } fone - N 3581  
      » - N. 943  
      gramas - FIELSA

Oamas

Lavatorios

Cofres

Fogões

Mesas

Cadeiras

Bancos

para jardins



**Maquinas  
para fabricas de  
conservas.**

**Charruas, mate-  
rial agricola.**

**Material vinico-  
la e oleicola**

Visitem a nossa Exposição  
permanente

— NA —

**P. dos Restauradores. 49 a 52**

# MUSICA

REVISTA DE ARTES

presta todas as infor-  
mações sobre Arte, e  
encarrega-se de en-  
viar as obras, tanto  
nacionais como es-  
trangeiras, que os  
seus leitores preten-  
dam adquirir.

Os pedidos de infor-  
mação devem ser  
acompanhadas da  
quantia de 1\$00 para  
gastos de correio e  
registro.

# SASSETTI & C.<sup>A</sup>

EDITORES DE MUSICA

54, 56, 58 – Rua do Carmo – LISBOA

Agentes dos acreditados Pianos e Auto-pianos:

**Gaveau-Rönisch**  
**Schiedmayer**  
**Grotrian Steinweg**

(Grand Prix em Berlim)

Pianos-Elctricos **HUPFELD**

## Rolos de musica para auto-pianos

Musica nacional e estrangeira.

Cordas e accessorios para instrumentos.

Bustos em biscuit de musicos celebres,

SASSETTI & C.<sup>A</sup>

← LISBOA →

# MUSICA

## REVISTA DE ARTES

N.º 3

ANO I

EDITOR

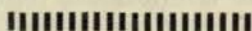
João de Campos Silva

Propriedade da Empresa de Publicações «RITMOS»  
(em organização)

1 de Outubro de 1924

LISBOA

## MUSICA POPULAR PORTUGUESA



A musica popular é a expressão mais espontanea do sentimento dun.a raça e a demonstração mais excelsa do seu temperamento.

Na canção do povo ora revestindo aspectos plangentes de elegia, ora tomando feições buliçosas da vida despreocupada, duma affectividade louçã, reside, o mais estadeiantemente, o seu sentir, as suas tendencias, a intimidade da sua vida caseira, como a franca exhibição do seu labôr de sempre! A influencia decisiva que a paisagem e a profissão exercem sobre os habitos do povo, traduz-se logo nas suas demonstrações festivas e a «cantaça» pinta nobremente todos esses aspectos da vida, numa cadencia simples que é como que a retratação da propria alma dos que trabalham.

Quem fizer o confronto entre os varios motivos populares, coordenando-os por provincia e, dentro desta divisão, estudando-os conforme o character da povoação e a qualidade do mister, acusará sem custo, modalidades ritmicas, *nuances* melodicos que são por assim dizer a fi ionomia emocional dessas populações de mo-rejadores. Ha canções maritimas que deixam aperceber o afan cotidiano da grande familia dos homens do mar, sinceros e rudes, intemeratos e rijos. E' muitas vezes o bater dos remos que perpassa por essas notas sentidas, especie de melopeia lugubre que define o ardôr esforçado do homem a lutar paciente com as entranhas dos oceanos! Perde-se naquelas paragens imensas, a vez, porque o açiotar do vento e o marulhar das ondas a interrompe sempre, ainda mesmo que o anil dum ceu purissimo se espelhe tranquilo nessa planicie líquida, interminavel!

Dai o arrastado cantante das suas falas, onde ha na exasperação sussurros de ventanias fortes, caricias fugitivas de brisas ligeiras. A voz do homem do mar é já de si uma melodia franca sem a disciplina sónica que nasce na imaginação do compositor erudito.

Em terra, a variação vocal toma facetas curiosas conforme o olhar do aldeão recolhe a impressão da paisagem, ou na grandesa solida e altaneira das montanhas transmontanas, por cima das quais a aguia adeja em vôos de musicalidade extranha, ou na explanação intinda da paisagem, corrida

de accidentes de terreno, do Alemtejo queimante, ou do Ribatejo pintalgado de tojo e alecrim, onde a grande multidão alegre das borboletas põe notas de côr que parecem bruxoleios suspensos do ar diáfano!

Um factor imperioso está colado á vida intensa dos campos (estamosnos referindo, evidentemente, a terras portuguesas). Provem ele da atuação racica que as camadas etnicas dos povos que se foram demorando mais. tem vindo exercendo nas regiões, na transmissão gota a gota do sangue que em cruzamentos periodicos estabelece o predominio de certas disposições organicas.

A paisagem casa-se então maravilhosamente com a infiltração etnica dos povos que dominaram em determinados locais. A côr da vegetação, as condições do trabalho, tudo o que possa constituir a razão de ser da existencia, passa pelas notas da canção como o bafejamento forte da belesa que os seus corações modelaram a seu modo, no ambito do seu pensar, no ambiente do seu sentir!

O musico que num paiz colija os motivos populares das regiões e sem os amaneirar, os traga ao enquadramento do sistema ritmico, terá reconstituído para a arte popular, a historia do melodismo nacional na sua manifestação mais sincera de sensibilidade estetica.

\*\*

Em Portugal pouco se tem feito nesse sentido.

O que se ha produzido pode fixar-se em dois aspectos: o da revelação de motivos arrancados directamente e em toda a sua fidelidade, ou o aproveitamento deles, favorecendo-o com uma forma mais ou menos metódica, dentro dos principios usuais da estrutura musical.

Quantos elementos ha por esses arquivos dispersos e porventura perdidos que lançariam luz intensa sôbre a musica popular portuguesa?

Do que fôr encontrando irei dando fé á "Musica" para que todos saibam o que de esfoço produtivo existe nos nossos avoengos, votados ao esquecimento, ou antes vedados ao conhecimento de contemporaneos.

A *Gazeta de Lisboa* é uma curiosa colecção semanal, de character official, que os estudiosos de velharias conhecem e que nunca deixam de consultar nas suas pesquisas. Esta publicação apresenta a singularidade de dar um noticiario mais desenvolvido do estrangeiro, do que do paiz. A secção nacional é assaz reduzida, mas nos seus limites acanhados quanto nos diz!

Foi nela mesmo, ai pelas alturas de 1794 que tomámos conhecimento com Francisco Domingos Milcent, mestre e proprietario do estabelecimento musical que dava pelo nome de *Real Fabrica de Impressão de Musica, mapas geograficos, cartas maritimas e de todas as mais qualidades de estampas*.

Dependente deste estabelecimento funcionava um armazem de venda a cargo de Pedro Anselmo Marechal, a quem a *Gazeta* no seu numero de 8 de Dezembro de 1789, chama celebre professor de musica de nacionalidade francesa e onde no ano de 1791 se vendiam minuets de Haynd para cravo, variações de Hulmandel, caprichos de Clementi e trios de Sozensitti.

A Real Fabrica de Impressão de Musica que estava situada no Largo de Jesus, de onde mais tarde, em 1795, se mudou para a Rua Direita de S. Paulo, defronte da Casa da Moeda, editou um "Jornal de modinhas" cuja publicação fôra iniciada em meados de 1792.

Periodico quinzenal o "Jornal de modinhas" obrigava-se, pela modica



quantia de 2,400 anuais, a sair duas vezes por mez, inserindo outras tantas *modinhas*, com acompanhamento de cravo e varios instrumentos.

Uma das primeiras chamava-se "Azeitonas novas" e aparece anunciada em 1793 como peça nova para cravo, com variações sobre o pregão duma vendedeira de Lisboa, o seu autor é nada mais nada menos do que o proprio Marechal que em Março do mesmo ano abria uma assinatura ao preço de 800 reis para poder publicar um quarteto de cravo com acompanhamento de 2 rabecas e 1 rabecão.

O movimento editorial da Real Fabrica de Musica não amaina pelos anos fora e é então extravagante ver como entre os autores das modinhas, se misturam os apelidos portugueses e estrangeiros. Durante o ano de 1793 aparecem: "Almira" por José Palomino; "Raivas gostosas" por Marcos Antonio, deste autor também "Doce união do amor" e "Perdoar com condições" acompanhamentos de dois mandolinos; "terceto noturno" de Palomino.

Em Setembro de 1794 vende-se, ou com simples acompanhamento de cravo, ou com variações para piano forte, a "segadilha da Cousa rara" de Marechal.

A intensificação da publicidade musical entremeia as madinhas com obras de certo estofa e assim no ano de 1794, vende-se juntamente com um dueto de Pleyel para dois mandolinos ou violinos a aria popular «Amor tímido» com acompanhamento de viola ou cravo, por José Forlivesi e a moda nova "Hei-de Amar". Seguem-se-lhes «E's ingrata por costume» «Amor é fino ladrão» por Venancio Aloisi; «Corra vá-se embora», «Já jazinha porque chora» por Manoel Teles; depois o rondo «All Polacca dell' opera *I tinti eredi*», cantado por Caporalini, em S. Carlos, acompanhamento de cravo, e as modinhas «Duidou a minha Ulina» por José de Mesquita; «Quanto Eulalia me é perjura», «Nos olhos dos namorados, quem vejo ó minha bela» por José Mauricio, mestre de Capela de Coimbra: «Se te comovem meus ais, acompanha meus suspiros» pelo Leal (sic); «Ausentou-se a linda Aonia», «Adorada Marcia, atende» por Antonio Gallassi; «Convida embora, convida Alteia» por Antonio José de Sousa: «De correr Marcia o meu pranto» por Luiz Antonio Barbosa, mestre da Capela de Braga.

Durante os anos de 1795 e 1796 as modinhas não foram na sua aparição, festivas, ingenuas, comunicativas dum infantil sabor denominativo: De Luiz Antonio Barbosa, mestre da capela de Braga, «Se alguém assentar vaidoso», e Antonio da Silva Leite, mestre da capela do Porto, «Cula carioca», e «Despezas do mundo a gloria» de Gallassi, «Viverei se fôr teu gosto», «Tudo quanto ha no mundo», «Marilia, se queres a vida aumentar»; de José Rodrigues de Jesus, «Em se acabando a amizade» e «Adeus campos do Mondego» (dueto).

\*

Ha muito mais e de mais falarei, porque muito mais tenho, de que se irá dando conta, tanto *que o espaço o leixe*, como se diria em linguagem arcaica.

Contente fico por ter trazido o leitor curioso, pela minha mão, até esse seculo XVIII, em que a arte da musica não foi das menos favorecidas como o demonstraremos em artigos que se seguirão.

NOGUEIRA DE BRITO.

# THIMOTEO DA SILVEIRA e os seus alunos

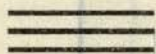


Da esquerda para a direita: 1.º plano — (sentados), *D. Beatriz de Vasconcelos Calvet de Magalhães, D. Maria Gonçalves, Thimoteo da Silveira, Oscar da Silva, D. Evelina a'Oliveira.*

2.º plano: — *D. Julieta Maia Serodio, João Queriol, D. Maria do Carmo Contreiras Machado, D. Elvira Fonseca Pinheiro, D. Maria Santiago Nearchos, D. Maria Antonia Moreira, D. Josefina Gibeiro, D. Maria Amelia Cid Pereira Coutinho, D. Ester Primo da Costa Almada.*

3.º plano: — *Julio Torres, Luiz de Freitas Branco, Ivo Cruz, Henrique Vieira da Silva.*

# THIMOTEO DA SILVEIRA



*MUSICA, procurando cumprir o seu programa, dando a conhecer aos seus leitores os nomes consagrados do movimento musical português, presta ao ilustre nome de Thimoteo da Silveira as suas homenagens.*

Na galeria dos musicos portugueses que mais teem trabalhado, o nome de Thimoteo da Silveira é inconfundivel.

Artista de grande envergadura, que prima pela correcção tecnica ao serviço dum elevado sentimento, alia estas qualidades—virtudes para um musico—a uma linha moral de belesa transcendente.

O baixo materialismo da vida moderna, em que muitos sossobram, não atingiu Thimoteo da Silveira—e eu bem o posso afirmar—que se mantem no desempenho do seu sacerdocio com dignidade e desinteresse.

A sua benefica acção tem-se feito sentir, já creando discipulos notaveis—como Oscar da Silva Luiz de Freitas Branco, João Queriol, D. Antonina Moreira, Brinita, D. Maria Isabel Pacheco Soares Costa, etc —já divulgando as obras dos grandes mestres.

Numa epoca de literatura pianistica duvidosa, Thimoteo da Silveira impunha-se e tornava possivel a generalisação de uma alta cultura musical, mercê da inteligente e salutar orientação pedagogica que imprimia ás suas lições,

A obra de renascimento musical a que hoje estamos assistindo deve-se em grande parte a tão insigne Mestre.

Thimoteo da Silveira, com os seus setenta anos, tem um espirito novo, aberto ás mais ousadas inovações que dia a dia se operam no campo da musica.

E nada ha de mais tocante que vê-lo ao piano, interpretando, com verdade, paginas de Debussy e de Ravel.

Nas audições, em que tantas vezes firmou as suas altas qualidades de pedagogo, foram executadas obras portuguesas, coisa bem rara, e que bem demonstra o apreço em que tinha os nossos compositores. Thimoteo da Silveira, na sua modestia, na sua competencia de grande pedagogo e na sua sensibilidade de artista, é *primus inter pares*.

Ivo Cruz

## A THIMOTEO DA SILVEIRA

Ninguém melhor do que eu poderá vir deante do nosso grande professor de piano Thimoteo da Silveira, com a alma cheia de veneração e reconhecimento, apresentar-lhe em nome dos seus antigos discipulos as nossas mais carinhosas saudações. São elles, todos artistas de acentuado, merito, que devem a base da sua educação à extraordinaria dedicação, servida pelos mais amplos conhedimentos de technica e criteriosa orientação do Mestre.

Thimoteo da Silveira é um invuigar professor pelo methodo, pela peculiar intuição d'ensino, pela acuidade d'observação e paciente expectativa no progresso do discipulo, pelo aproveitamento das qualidades fortes d'este e correcção das tendencias defeituosas.

O seu entusiasmo pelo seu alumno é quasi paternal e dá-nos, no apoio e no incitamento, aquella força persistente que leva de vencida as difficuldades e os obstaculos, inculindo-nos o ardor pela victoria e pelo triumpho.

Ninguém melhor do que eu sente essa enorme divida e ninguém mais commovidamente lh'a deseja pagar pelo affecto e pela admiração. Por isso, é com intimo jubilo e emoção que me uno aos meus talentosos collegas na simples mas significativa homenagem que lhe prestamos.

Era eu ainda pequeno, uma bella tarde! n'um modesto hotel da baixa, em Lisboa, estava tocando um trecho já bastante pianistico, quando Thimoteo da Silveira, ali de visita a parentes seus, me ouviu.

Perguntando—quem estava «lá dentro» a tocar—, responderam-lhe que era nm pequenito e disseram-lhe o meu nome. Então o nosso querido mestre quiz vêr-me e desde esse dia, foi elle quem me guiou os passos, quem me traçou a róta da minha carreira artistica, quem me lançou na grande via do Bello.

A elle devo tudo, porque nos seus cuidados, na sua sã intuição e nos seus conselhos, eu firmei com todos os esforços e toda a esperanza a ambição de vir a sêr um dia um artista que n'alguma coisa pudesse concorrer para o bom nome da nossa terra e da nossa raça.

Foi pela sua mão, bôa e leal, que eu fui levado a outro eminente professor, Victor Hussla, de saudosa memoria, com quem trabalhei harmonia, e foi ainda elle que cheio de genuino interesse, me apresentou Henrique Sauvinet, que tambem pontificava em Lisboa, e quando eu parti para a Allemanha, a expensas da Rainha, Senhora D. Maria Amelia, o nosso grande Mestre, estava possuido ainda de maior entusiasmo do que eu proprio,

A minha carreira artistica tem sido seguida por ele passo a passo. Cada applauso que eu receba sente-o elle tanto como eu, os meus triumphos enchem-lhe a sua nobre e pnrissima alma d'alegria e de comoção, e, de direito, elle tem parte em toda a minha obra.

*Oscar da Silva*

NO PROXIMO NUMERO

# MUSICÃ

Revista de Artes

Iniciará a publicação da

## Historia da Musica em Portugal

do ilustre escritor

**Boavida Portugal**

# Birger Hammer

Este notavel pianista norueguez que esteve ha alguns mezes entre nós, tendo obtido o maior successo quer quando tomou parte em alguns concertos da Orquestra Fão, quer no recital que deu no teatro Politeama, foi recebido triunfalmente em todo o Brazil encontrando-se presentemente na Argentina recebendo os maiores aplausos do publico e da critica.

Da «La Acción», de Buenos Aires, recortamos as palavras com que se reiere ao consagrado artista :

...«Ante una sala muy concurrida, cuyo auditorio estaba formado por cuanto de más distinguida tienen en Buenos Aires, se presentó anoche el notable pianista noruego señor Birger Hammer, que nos venía precedido de gran renombre artistico.

Este artista, uno de los más destacados discipulos de Grieg y Sinding, ha confirmado anoche plenamente en el terreno de los hechos, todo lo bueno que de él nos adelantaran aquellas referencias desarrollando genialmente el difícil programa que se había impuesto... tanto en los autores clásicos: Bach y Beethoven, como los románticos: Grieg, Brahms y Chopin, que proveían su recital, el pianista rayó a gran altura, del punto de vista técnico, como del interpretativo. Posee un mecanismo brillante, seguro y un sonido potente, con el que imprime a todas las obras el colorido tan necesario para la interpretación, amén de un temperamento vehemente, que comunica fácilmente con el auditorio y lo emociona... naturalmente que la parte que despertó mayor interés fué la que comprendía las obras de Grieg, de quien posee la tradición más fiel. En su «balada» provocó una ovación fragosa, merecidísima. Para corresponderla agregó fuera de programa, cuya última parte estaba consagrada a Chopin, Birger Hamer, tuvo nuevamente que bisar algunos números y añadir otros más, para satisfacer las exigentes solicitudes de su auditorio... Birger Hamer se ha acrelitado entre nosotros un eximio artista...»

Birger Hammer, a pedido de alguns amigos e admiradores dará, por ocasião da sua passagem para a Alemanha, um ou dois concertos entre nós, devendo estar em Lisboa brevemente .

Congratulamo-nos com esta noticia porque consideramos Birger Hammer um dos melhores pianistas que têm passado entre nós.

## MUSICA

Organisa concertos, "tour-  
nées", companhias de opera  
e opereta, e exposições de  
\_\_\_\_\_ arte. \_\_\_\_\_

Correspondentes em Espa-  
nha, França, Italia  
\_\_\_\_\_ e Alemanha. \_\_\_\_\_

## NOVIDADES MUSICAES REY COLAÇO **Cantigas de Portugal**

Caprichosa coleção de 48 cantos e danças populares  
portuguezas num album de 56 paginas

O mais distinto presente para um amator de musica

### —> DE MUSICA <—

Brochura de 112 paginas contendo referencias e arti-  
gos que interesam ao nosso meio musical

Pedidos a **J. HELIODORO D'OLIVEIRA**

**LISBOA - Telefone Norte 3660 - ROCIO, 56, 57, 58**

# LAMENTO

**M**enos que el polvo que se lleva el viento,  
Alma traidora, corazón de piedra  
Menos que la hoja que cayó del árbol  
Soy para ti.

**M**enos que el yuyo que en las ruinas crece,  
Labios de hielo y la glacial pupila,  
Menos que el humo del recuerdo triste  
Soy para ti

**T**riste más triste que la noche sola,  
Pájaro ardiente que perdido canta,  
Lágrimas rojas de pasión y ensueño  
Lloro por ti.

HÉCTOR PEDRO BLOENBERG

Do livro no prélo «Las islas de la inquietud»



# Excentricidades da Moda



O mundo feminino, está sendo revolucionado por mais uma novidade em matéria de moda e de elegância. Imaginarão as nossas distintas leitoras o que será essa moda? Ultrapassa tudo quanto há de mais extravagante. Mas, nem por isso, deixa de já estar correndo mundo.

Consiste ela numa coleira semelhante às que se põem ao pescoço dos cães de luxo, tendo sido a sua creadora a famosa artista francesa Marthe Régnier.

Intitula-se o "dog-collar".

As irmãs Dolly, que apareceram no Paris Palace estreado a criação de Marthe Régnier, estão fazendo um sucesso único em Londres. Pois todos admiram a graça e a originalidade da moda parisiense.

O "dog-collar" é uma coleira perfeita adaptada ao pescoço das damas chics, com o seu cadeado de prata, de ouro, ou de platina tal qual como se vê na gravura desta página.

A moda está lançada. Resta saber se fará sucesso entre nós.

É provável. Nenhuma outra se ajustaria melhor à da cabeleira "à la garçonne"...

Cabeleira aparada, coleira de cão... São duas modas que se completam à "merveille"...

Certamente os cães de luxo passarão a usar colares de perolas, ..., pelo menos tulsas...

# O BRASIL E A MUSICA

POR CARLOS ABREU.

O Brasil é terra de musicos. Condensêmos em poucas palavras os mysterios d'alma dos que iluminados são pelo Cruzeiro do Sul, nas terras abençoadas de além-mar.

Se apesar das fusões de sangue, da extensão do terreno, das condições do solo e do viver de semelhantes, a Fé e o sentimento patriótico não divergem de Sul a Norte, de Leste a Oeste, a verdade de maior beleza é esta apenas: O Brasil é terra de musicos. Será de natureza?... Será do Céu?..

Mas... verdade que se não eonheee!

Fala mais à imaginativa da gente portugueza e dos estrangeiros a transformação do Rio e a criação do novo Paris, que a conquista da alma brasileira no campo da Arte, da Literatura. Ignora-se que esse mesmo Rio, de avenidas e parques de um conto de fadas, em apothese de luz, em scintillos de luxo e magnificencia é a escala culminante nas Américas, das «tournée» de Arte do mundo todo... Que ao Rio de Janeiro aportam, semana a semana, os *virtuose* da Musica... Que a Avenida Central estadeia diariamente, por entre as luminosidades dos cinemas e dos «pequenos theatros» o cartaz severo de uma conferencia litteraria, de um concerto...

.. Ignora-se que no Rio foram sagrados «celebridades» como Caruso, Benavento, Misseio Horskowski, e tantos outros. Essas «tournée» formam a escola de aperfeiçoamento do concertista brasileiro.

A passagem de Villa Lobos há poucos mezes, por Portugal, poderia ter revelado o desenvolvimento da moderna composição do Brasil se não fôra a má organização dos seus concertos e se o meio propicio que elle esperara encontrar, estivesse de antemão preparado.

Com Villa Lobos em Lisboa deu-se o mesmo que se passou com Le Bargy, há annos, no Rio de Janeiro.

Organisava-se para este actor uma «tournée» de ocasião, puramente commercial, com scenarios estafados, actores mediocres, apanhados aqui, acolá. E o publico que vira em Paris o grande interprete do «Marquis de Priola» não o reconheceu no Lyrico. E' que lhe faltava o «encadement», a sua gente, a sua plateia. E Le Bargy passou despercebido...

Villa Lobos — toimo em dizel-o — o Renato Viana da Musica de hoje, do Brasil de hoje, exigia pelo seu nome, pelo que tem produzido, pelo que vale, pelo que será, um pouco mais de attenção. Não que os seus interpretes não fossem verdadeiros professores, bastante capazes de o executarem. Não que a Imprensa e o Publico não haja sido gentil. Mas muitos não o terão querido comprchender.

Villa Lobos é Villa Lobos tão sómente. E não precisa e não pode ser mais.

Não imita ninguém. Não segue escolas. Compositor ou regente, afirma a sua personalidade. Será extranho, anormal, mas Villa Lobos é assim.

Não foi equilibradamente que em meia dúzia de annos se transformou esse obscuro musico de cinema no mais alto nome do Brasil Musical.

Nem um espirito equilibrado o conseguiria.

Como é de lamentar que as Sociedades de Concertos Symphonicos de Portugal não incluam nos seus programas—tão raros e tão bem escolhidos sempre—composições de auctores brasileiros!

Porque não se dará a conhecer, convenientemente executado, ao publico de Lisboa e Porto, esse mesmo Villa Lobos, esse extranho auctor do «Izah» cuja originalidade e nervo ascende ás alturas de um Sibelius, de um Florenz Schmitt?

E com que emoção escutaríamos todos em qualquer concerto, a «Velada d'Annos» de Julio Reis, o romanico auctor de «Soror Mariana»!

E «Ave Libertas» de Delgado, porque se não toca?

De Nepomuceno que de facto é um tanto ou quanto conhecido em Portugal, poder-se-hia fazer executar bem mais numeros que não ficam áquem das suas «suites» brasileiras.

O proprio Carlos Gomes... Se exceptuarmos a protofonia do «Guarany», nunca por demais ouvida, crêmos que bem pouco se faz pela sua popularisação. E convem não esquecer que Carlos Gomes é o auctor da «Fosca do «Scliado»...

...Henrique Oswald—um grande nome em todo o mundo—tem concertos famosos para piano e violoncello, com acompanhamento de orchestra...

...E Francisco Braga?

Em concerto de Musica de Camara, ainda não topámos com o nome de Glauco Velasquez, esse genio infortunado morto aos vinte e poucos annos. E outros, muitos outros.

Ignora-se que o Brasil é terra de musicos... Que a Musica é a maior vocação. a tendencia predominante do brasileiro. Veem depois a Poesia, a Pintura e a esculptura,

E é triste dizel-o: Conheceu-se aqui os poetas, os escriptores, os pintores, os esculptores brasileiros. Os compositores, os musicistas de alem-mar são ignorados. De quem a culpa? Talvez dos proprios artistas que preferem a America do Norte, á Europa. Guiomar Novaes, Magdalena Tagliaferro, Mario Antonio, Rudge Miller, virtuosos do piano, fazem as Americas e ganham fortunas. Raras referencias apparecem nas revistas daqui.

Falámos do Rio de Janeiro, ao encetar esta ligeira cronica como se fesse o unico centro de arte do Brasil. Mas ha São Paulo, ha Coritiba, ha Bahia, ha o Pará... Existem tantos grandes centros de Sete quantos Estados compõem o Brasil.

E não nos esqueçamos de especialisar, ao concluir, Pernambuco, a Vencza, na America, terra de musicos por excellencia, onde pontificam Manuel Augusto e Mario Souza, dois reis do piano que teem affrontado as plateias mais exigentes: Manuel Augusto um primeiro premio de Berlim e Mario Souza, discipulo de Rubinstein, genio de quinze annos de idade, adoravel rosto de creança com um indefinivel sorriso de mysterio que nos lembra a «Gioconda» de Vinci...

Lisboa, Outubro de 1924

# Sulamita

POR ANTONIO DIAS COSTA

*Ha rosas nos teus lábios, rubros, a florir,  
quando falas d'amôr, assim, junto de mim...  
e ha gritos de desejo e dôr... grandes, sem fim  
no vermelho de sangue da tua boca a rir...*

*Labaredas de côr, que matam, sem ferir  
se soltam das tuas mãos do mais puro marfim,  
e prendes meu sentir — o falso Arlequim! —  
co'a falsa invocação dum doido souvenir...*

*E a tua perversão vence-me, facilmente,  
co'a estranha beleza forte e veemente  
da incomparavel estetica da estátua nua...*

*pois quando eu te vejo, assim desfigurada,  
julgo-te Sulamita, a bela apaixonada,  
cantando o seu amôr, na estrada á luz da lua!*

Inedito

# NOITE DE HORAS

POR ANTONIO STUBBS DE LACERDA

*...que o leixassem dormir, que  
muito bem lhe era.—Bernardim.*

**H**a rotas de Destinos em desmanteladas caravelas, restos de pinhos verdes rangendo trovas senhoris de senhor meu amigo...

Novas busco em vão subindo ao cesto da gavea—Nau Cathrineta aproando ao acaso terras de Hespanha, areias de Portugal.

Caravelas desmanteladas noivando navegados mares, noivas de elegias enviuvando xácaras de donseis cantadas á viola sob balcões—onde a lenda canta tambem suas soidades.

Noite de Horas...

Noite de Horas —Hora da Noite: sinos que resam em capelas de penedias.

Ruinas são echo.

O echo das ruinas afugenta o bando de gaivotas que dormia a noite nas grutas da penedia.

Asa aberta, crocitando injurias, lá partem todas em bando  
disperso, aguas fóra, quilhas ao vento, penas revoltas,

Aonde irão?!...

Subo ainda uma vêz ao cesto da gavea e avisto novamente  
o bando.

**Terra ! Terra !**

Buliço a bordo, prôas a terra, velas entufadas, mais mar,  
rajada forte...

Tangem psalterios e o mar aquietando-se resaca psalmos  
de David.

A' capa porque sobreveiu calmaria.

E as gaivotas, sombras de Israel, descem agora sobre a ca-  
ravela — Alcacer-Kibir sem perdão !

Encontro-me só comigo.

Nos mastros a meia nau as gaivotas, sombras de Israel,  
aninham-se para dormir a noite interrompida.

Pennas são desgostos e eu estava só...

Ancoras arriba!

Velame a todo o pano !

Prôas ao mar !

E para róta — o meu Destino !...

*Outôno*  
1924

Musica

# AZULEJOS E LOUÇAS

(IMITAÇÃO DO ANTIGO PORTUGUEZ)

Fabrica de Ceramica "Constancia L.<sup>da</sup>,"

DIRECTORES

Leopoldo Battistini e Viriato Silva

RUA DE S. DOMINGOS, (Á LAPA), 8---LISBOA

## COMPANHIA DE SEGUROS A PAZ

S. A. R. L.

Capital 1.000.000\$00

SÉDE—LISBOA

R. Ivens, 49-2.º

Seguros contra INCEN-  
DIOS. ROUBO, ASSAL-  
TOS e TUMULTOS.

Seguros MARITIMOS e  
seguros de VIDA e PE-  
CUARIOS.

## Salisogenol

Poderoso específico das  
doenças da nutrição e  
das afecções  
pulmonares

A' venda nas boas farmacias  
e no Deposito geral:

Farmacia Castro, Sucessor

Rua de S. Bento, 199 e 199-A

LISBOA

# Uma canção para ti

POR ANTONIO BOTTO

Sim; recordo friamente,  
— A Saúdade não surge...

No entanto,  
Quem é que me acreditaria,  
Se eu dissésse  
Que todo o amôr que te dei  
Era amôr que eu não sentia ?

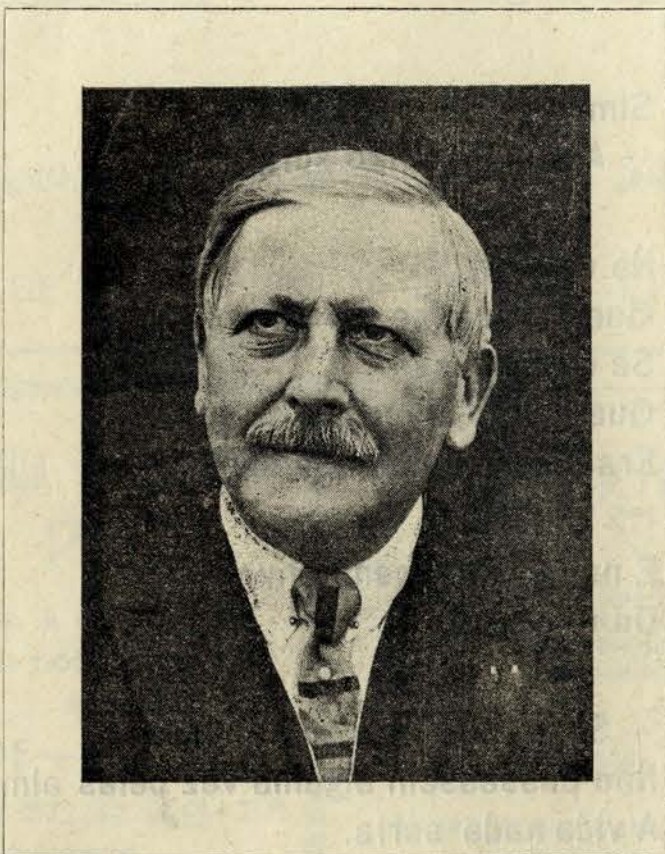
E não me arrependo nunca  
De o ter dado,

— Se a paixão ou se a loucura  
Não passassem alguma vêz pelas almas  
A vida nada seria.

*Inédito*  
1924



# ANTONIO DE CERTIMA EM PARIS



*Victor Margueritte*

## COM VICTOR MARGUERITTE

Não se pode falar de Victor Margueritte sem evocar a estrepitosa girândola de ruído público que se fez em volta do seu nome desde o aparecimento famoso do seu turbulento e ousado volume *La Garçonne*. Este ruído foi um fogo-de-bengala para o alvejado. A insinuar escândalo, atiçando o interesse da multidão, converteu-se, afinal, num extraordinário e vivo sucesso de livraria como não tinha havido outro.

O que foi esse acerado e sensacionalíssimo processo literário, discutido desde as velhas nações da Europa á moderna America, está ainda na sabedoria de todos e por conseguinte, não merece historiar aqui os seus bizarros incidentes. Dum lado, era Margueritte agitando nas suas mãos de filósofo-rebelde as suas páginas de lava, frementes como carne viva, onde uma eclosão de vidas novas palpitava, ardia, iluminava o coração da terra; doutro lado, os protestos duma civilização caduca, aterrada com a aurora que estremecia nas palavras do escritor, não querendo dar o passo á civilização primaveral que assomava florindo nos seus proprios flancos, assoprada pelo halito da guerra. Deste choque entre o homem e uma civilização, entre a força magnitica do pensamento e as taras duma velha moral, resultou a exacerbação impetuosa do conflicto, o seu libelo fervente de acusações e controversias, a supressão, por parte do governo francês da Legião de Honra com que o autor de *La Garçonne* era condecorado, e ao mesmo tempo, dos depositos da casa *Flammarion*, a saída vertiginosa de quasi um milhão de exemplares. . .

Neste instante, sobre a minha mesa de trabalho, tenho entre os seus livros a sua ultima carta, escrita da tebaida refugiadora de Saint-Maxime-Sur-Mer, onde Victor Margueritte esquece a selva de Paris com os seus odios e invejas impotentes, o gesto ridiculo das leis e o grito dos mediocres que o seu pujante talento acotovéla, e, no silencio, se volta para o ardor do mundo novo que perscruta de coração colado á torrente de sentimentos e paixões avassaladoras que vem dos fundos duma sociedade. Foi aqui, neste exilio, simpático ás elaborações do seu espirito, «dans une calme que a son charme, et ne me laisse regretter Paris que pour les rencontres amicales. . .» — no proprio dizer de Margueritte — que a sua pena escalpelante, mistura de Balzac e Mirbeau, concebeu e animou a trilogia grandiosa de *La femme en chemin* a que pertencem *La Garçonne*, *Le Compagnon* e *Le Couple*, este ultimo acabado de publicar-se com o mesmo exito de livraria dos precedentes.

Mas em redor da obra de Margueritte tem-se feito um arraial de calunias

e disparates, especialmente de sectarias e propositadas incompreensões. Acusam-na de perniciosa, de ultrajante e não sei de quantas outras tolices videntes, e, no entanto, a radiosa estatuaria que se levanta do triptico *La femme en chemin*, abatido o ambiente, que para outro fim não serve senão para dar movimento scenográfico ás figuras e imprimir-lhe sentido psicológico, é feito de almas que aspiram a uma vida de saúde e Beleza, que lutam, sofrem e sonham em demanda duma aurora nova onde o amor seja uma nobre e fecunda função da existencia humana e não uma mutilação da felicidade atraçoada pela insidia pudica dos sexos. Estes três ultimos volumes de Margueritte são assim uma obra de ressurreição social que marca pela veemencia com que defende o seu apostolado de justiça e desbrava o caminho que deverá conduzir a mulher á situação emancipadora que ela tem o direito de ocupar na civilização que a guerra nos legou.

*Le Couple* é a conclusão da trilogia. O autor dedica-o «às mães» e nas suas paginas nós encontramos os mesmos personagens dos dois primeiros volumes e ainda os filhos de Monique (*La Garçonne*) e os de Annik Raimbert (*Le Compagnon*), que se juntam para formar um lar novo (este romance que é uma antecipação coloca a acção no ano de 1945) sobre os costumes duma geração de febre, de negocios e corrupções elegantes, de que precedem e que á custa das taras de tormento e angustia moral que arrastam comsigo, esperam atingir a ventura suprema realizando o amor na sua mais alta e ampla concepção social.

Os volumes da *Femme en chemin*, ao contrario das opiniões malévolas e descabidas de burgueses e fariseus, ficarão, pois, como três pedras brancas e luminosas a demarcar as direcções duma humanidade melhor, menos egoista e violenta — três pedras dum grande edificio para o qual a nossa consciencia concorre com a sua dôr e a nossa imensa sede de amar e de viver!

\*

\* \*

A obra literaria de Margueritte — apelido de tradições gloriosas, portador do prestigio de uma das mais illustres familias da França — forma um bloco de perto de cincoenta maciços volumes entre romances, novelaa, poesias, teatro e ensaios, originais ou de colaboração com seu irmão Paul Margueritte, e nesta enorme e forte produção não sabemos que mais admirar, se a viveza impressionante do estilo, agitada, às vezes, de crispações e nevroses para melhor vasar a substancia da palavra, se a dose de conceitos e tendencias morais, o senso crificista e observação de costumes que enchem laudas de lés a lés e fazem o seu forro mental de escritor agudo e considerado.

Arquivar, por conseguinte, as suas opiniões ácerca do movimento literario d'além-Pirineus, seria documentar o meu inquérito com os mais preciosos e autorizados raciocinios duma grande figura da geração francesa.

E o autor dos *Prostituée* e *Au Bord du Gouffre*, num «élan» de simpatia que ha muito prende a minha amizade á sua veneravel figura literaria, começa ; — As tendencias do movimento intelectual francês ?

Uma dupla corrente e em sentido inverso. Uma querendo realizar este extranho paradoxo, numa época totalmente revolucionaria, de regressar aos dominios do passado e realizar aí todas as suas manifestações espirituais. E' formada pelo neo-classicismo todo impregnado do ardor «glacé» de Barrès, e ainda pelas ultimas chamadas, prestes a extinguirem-se, do simbolismo.

A outra, tumultuosa e caótica, riscada de febres e ansiedades, lançando

para o futuro, numa torrente de sedes angustiosas, as aspirações do presente. Infinitamente mais rica, na sua variedade, que o frio movimento retrógrado dos nossos reaccionários, é a esta corrente que parece pertencer o character da actual geração, daquela que pensa e produz em plena maturidade dentro do momento atormentado, roído de agonias e ambições desordenadas, que passa através dos nossos corações. A sua arte está mais proxima da verdade, é uma encarnação mais violenta da Vida, e, logo, é para ela que o meu espirito inclina todas as suas preferencias. Mas isto, no entanto, não me impede de apreciar, partindo do ponto em que eu os coloco, os movimentos que ecludem á direita ou á esquerda do meu proprio caminho, olhando com interesse a riqueza e a emoção do seu pensamento. Aparecem mesmo, muitas vezes, lindas flores artificiais... Elas não fazem senão pôr em maior destaque a inapagavel beleza das verdades.

— A literatura de hoje — perguntei — tem, por conseguinte, uma tendencia para as investigações da vida interior ou apenas uma expressão objectiva e social?

— Ah! não limitemos a literatura! não a circunscrevâmos nos limites da vida interior, nem a reduzâmos á tarefa duma expressão social. Como conceber a vida interior sem a vida social, e reciprocamente? Não ha verdadeiros e grandes escritores — permiti a um romancista de não falar senão de romances — sem aqueles cuja obra é uma criação das suas faculdades de reflexão e reflectida em Balzac, Flaubert e Zola — culminantes exemplos. A obra de cada escritor terá que obedecer a um frémito ardente de meditação e procura interior das suas flamas sub-inconscientes, ao mesmo tempo que apoiada no imenso e variado campo da observação exterior. Eis tudo.

— A sua estreia nas letras, qual foi?

E Margueritte num tom longinquo de saudade:

— O meu primeiro livro? Ah! sim... Um volume de prosa — *Le Desastre* —, de colaboração com Paul Margueritte. Todavia já tinha antes, por mim, publicado um livro de poemas; *Au Fil de l'Heure*.

A aparecer em breve, quentes ainda da emoção geradora deste homem para quem a actividade mais viva é a sua forma normal de viver. teremos *L'Aventure de La Garçonne*, narrativa decerto pitoresca e vibrante duma figura que tantos incidentes literarios provocou e o volume *La «Derniere Guerre»* (1914-1919), e ácerca do qual o autor sublinha com acentuada veemencia:

— ... será, sem duvida, depois das litánias officiais dos Estados-Maiores, o primeiro documento imparcial, sobre os nossos Cinco Anos Terriveis.

*Et voltá.*

Paris

ANTONIO DE CÉRTIMA



## Á SOMBRA

### DO QUEBRA-LUZ

# A TAÇA DE MURANO

(Duas páginas do meu diário)

*Alvorada mansíssima de Janeiro.*

*No confim marinho nuvens d'oiro e rosa; ideias boas no crâneo do Orbe...*

*Estrada real orlada de sebes; ao fñdo uimeiros nus, finissimos no ceu como um desenho á pena. Na curva doce para alem das árvores uma casa muito branca... Pálpebras fechadas, persianas corridas...*

*O meu pensamento a bater-lhe á porta a não entender o sono da casa branca.*

*Ele disia-nos almas eguaes que o destino separára vinte anos na terra, mas dormia, dormia ainda e cá jóra o sol, pagão e rubro, a beijar nos olhos a casa a'Ele...*

*Tive dó da minha alma. O dó emprestou-lhe fórma e eu senti-a um anel que tivesse andado muito tempo nos dedos d' Ele e fosse cair por descuido num rio qualquer.*

*Passaram rebanhos na estrada. Seres de fôme a caminho do pascigo. Dentes fortes agudos como ironias, guiados pelo Desejo á destruição dos rebentos novos. A obra da vida a matar a obra do Sol.*

*Passou a malta dos ciganos. Mãos rebeldes conduzindo eguas mansas; a miséria inconsciénte arrastada pela fôme errante.*

*Passaram borboleias. Beijaram-se no ar um instante e seguiram a fartar a gula no perfume das corolas rubras.*

*Passar como elas, prendendo o Instante, nãs seria, oh Bem Amado, atngir a Montanha?...*

*"Escuta:*

*Era uma vez no Tempo um Rainha joven.*

*Tinha o amor do Cristal, os labios virgens de beijos e jurára beijar uma vez quem para ela formasse a Taça da Maravilha...*

*Levaram um dia a palacio um vidreiro celebre, boca de milagre que soprava vidros mais finos que pétalas de tulipas de Holanda.*

*A Rainha repetiu o voto e prometeu os lábios.*

*Voltou ao forno o vidro. Em face da labareda tomou a cânula, dividiu a pasta, rolou-a na marma e num sopro unico, numa oração á Belesa, formou a Taça do Beijo.*

*Festa em Palacio. A Rainha estendeu os labios em troca da maravilha. Desfaleceu no beijo e largou a taça...*

*Feliz! Podia lembrar a vida inteira a embriaguez do Minuto!*

FRANCISCA D'AYRE



---

— A —

## NOVELA CONTEMPORANEA

Colaboração dos mais notaveis escritores portugueses,  
brazileiros e hespanhois.

**Séde provisoria: — Rua do Largo do Corpo Santo, 6-3.º — LISBOA**

---

## A M B A S . . .

POR CASTELLO DE MORAES

*Oh tocadora de harpa se eu beijasse  
o teu gesto, sem beijar as tuas mãos...*

Fernando Pessoa

— Não o quero triste, ouviu... ? dê-me a sua mão... —

Palavras ciciadas na penumbra quente d'uma alcôva de mulher e seguidas do ruido humido de beijos, de muitos beijos longos na mão que ela lhe estendera...

— Eu sou muito sua amiga, mas não o quero triste...

Novos beijos, mais rapidos em pizicato, sublinharam frenéticamente a confissão ousada.

No silencio perigoso do crepusculo ouvia-se o passado de ambos. A voz do Tempo falava-lhes a doce linguagem dos tristes, a mesma que falam nos palacios velhos os grãos de areia tombando ao longo dos espelhos.

Ele revia hora por hora os seus três anos de calvario, três anos de silencio abdicando a propria vida para manter sobre outra vida a sua alma aberta numa protecção de asa, numa caricia de sombra.

A porta da alcova, fronteira a uma janela do aposento contiguo, enquadra um trecho do vale.

As arvores finas e nuas, num enrubescer de promessa esfumavam-se em poeira violeta. Do alto cahia ouro e sombra. Em prélio singular o poente e a noite terçavam o seu duelo de penumbra; negras no fundo luminoso passavam as ultimas pombas de volta aos escombros d'um pardieiro; a tarde cahia languorosamente e uma lua de prata subia agora do már, branca e polida como o espelho de Afrodite.

Ambos tinham ficado a olhar de longe uma nesga do ceu.  
Era bem deles aquela hora dubia feita dum esboço de treva e dum vestigio d'ouro.

Na alcova entrava agora um clarão difuso de luar. Vinha bater na cabeceira do leito definindo-lhe miudamente os embutidos claros, tocava um jarrão iluminando-lhe o bojo e vincava dolorosamente a máscara aflita duma Virgem italian.

Esse traço de luz longiqua espiritualisava as coisas ungiendo-as de vago e a conversa deles era hesitante.

Diziam agora a medo o que tinham calado sempre e da confissão reciproca nascia o desencanto.

O que na vespera teria sido uma interrogação mágica de sonho, agora, sob a palavra tomava a feição inevitavel d'um destino.

O amanhã conhecido pesava em ambos.

Horas depois pela azinhaga da quinta encharcada de lua ele interrogava os proprios labios moldados ainda n'uma forma de caricia e sofria da confissão d'ela...

Esse *Nunca* repetido tantas vezes como simbolo dum tormento e duma, vitoria perdera-se, afundara-se á pouco na banalidade dum beijo. E daria mais beijos... Havia de recebe-los...

Sentiria vibrar junto da sua a carne dessa mulher. *Essa mulher tinha carne...*

Sabia-o agora Ha instantes quando a beijava ela metera-lhe os dedos no cabelo, a polpa do braço rija e pertumada roçara-lhe os labios e ele beijára esse braço num beijo rapido e leve mas lubrico como todos aqueles que deixam na memoria o veludo quente duma epiderme ..

Porque falara Ela?

Tantas vezes, tantas, ele conhecia o travo das horas estereis, daquelas horas de sosinho em que a alma orfã e triste se lhe roçava pela memoria como um farrapo de seda por um valado de piteiras. E nunca lhe dissera nada... Sofreu e soube rir.

Viu a chorar e tornou-se indiferente.

Chegava a mentir-lhe contando sucessos imaginarios, amores felizes, para que nunca podesse chegar a hora das confidencias.

E comtudo a hora tinha vindo!

Chegado ao portão da herdade, parou passeando estupidamente os olhos pelas colinas aguareladas de luar. Queria varrer, espancar aquela luz do sonho. Queria sol; um sol do meio dia forte e rude que lhe mostrasse a paisagem cruamente sem aquele veu de ilusão.

Assim parec-a-lhe que dormira, que tinha sonhado e a confissão dela, os beijos, ela mesma, as palavras de ambos eram obra daquela luz de milagre que mudava as coisas santificando-as de irreal e fantasia.

Mas não! A Hora tinha vindo..!

Amanhã ás nove dissera ela...

—Ah! se o tempo voasse!

O sol da manhã acordou-o. Sonhara que lhe beijava os dedos e os olhos e tremeu do sacrilegio, mas o pensamento trouxe-lhe aos labios a impres-

são da vespera e sentiu outra vez na boca o perfume e a frescura d'uma pele de ambar.


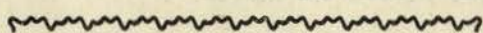
—E porque não lhe beijaria os olhos—?

—Porque não a beijaria toda—?

Toda...! Subito uma ideia maldita estarreceu-o. Antes da confissão, antes do beijo, esquecerá lhe o outro, o marido, o dono da carne dela. Mas hoje que a beijara, sofria da presença moral desse homem que a tinha inteiramente sua, talvez como vitima, no cumprimento forçado dum destino, numa sujeição de escrava, mas toda... toda..!

Outro desejo, um desejo que não o seu, arrancava da belesa d'ela harmonias legítimas de prazer... Odiou a vida...

*(Conclue no proximo numero)*



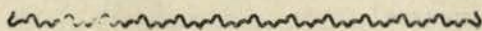
## ANATOLE FRANCE

Está de luto a Academia francesa.

Morreu Anatole e, simbolicamente, os seus confrades liseram descansar uns momentos o seu cadaver no "Quais Malaquais" aos pés da estatua de Voltaire, em frente do Louvre.

la despedir-se dos alfarrabistas e receber a ultima benção do Mestre da Ironia...

De longe associamo-nos ao luto da França conquanto nos custe sempre acreditar na morte total dos home.is que, como Anatole France, deixam n'uma obra vasta e celebre uma garantia de eternidade.





# LOGARES COMUNS

I



## A BRASILEIRA DO CHIADO

1.<sup>a</sup> PARTE

POR

JOÃO ZERO

(José Castello de Moraes)

A mão do Démo, a sua mão canhota,  
Levou-me á «**Brazileira do Chiado**»  
E d'essa triste casa de má-nota,  
A mão do Démo, a sua mão canhota,  
Escreveu o roteiro envenenado:

— N'aquela mesa ao fuudo, Dom Duarte  
Váge n'um cláro berro integralista,  
E **Rodrigues Leal**, donzel-papista,  
Veste-lhe sobre a fralda o talabarte.

— Mais alem, pela boca do **Gualdino**,  
Em frases peçonhentas de serralho,  
Malsina-se o traseiro do Fialho  
Na linguagem rural do **Aquilino**, —

Em frente **Carvalhais** sacode a caspa  
Em quanto n'um escudo, **Victoriano**,  
Católico, apostólico, romano,  
Põe os chavões do Padre Santo em aspa,

—Longe, **Ferreira Gomes**, inspirado,  
Máscara de ocultista a ver um astro,  
Coloca o Senhor Rey João de Castro  
Nos chifres do paiz embasbacado—

(Estive fóra, sei apenas chego  
que por motivos, fortes, de teor,  
os decretos d'El-Rey, nos o Senhor  
Já foram traduzidos em galego...)

—Junto á montra, **Cortez**, vê com denodo  
E com certa ironia sorridente  
Um critico atascando-se no «Lodo»  
Com ciumes da «Zilda» impenitente—

—Para lá, *acontece* **Antonio Ferro**,  
**Portela**, em riste a pena aguda, vence-o  
E na grande tragédia do silencio  
O «Mar Alto», vasando, dá um berro...

—Na outra mesa ao lado, ao dar das onze,  
Serra da Estrela!... Lobos!... Casacão!...  
O monumento classico de bronze  
A' tísica robusta do irmão!...

—Gasta talento longe das janelas,  
**Teixeira de Pascoaes**, moreno e duro,  
E tres poetas maus, sem mais *aquellas*,  
Vão abrindo, em dezenas de cautelas  
O mestre singular do «Verbo Escuro»—

Junto ao balcão **Alvaro Maia**, abanca.  
Traz consigo entre as obras do Pequito  
O cacete minaz do Rei Proscrito  
Em bainha de sêda toda branca.

—**Duarte de Sieuve de Séguier**...

Não o acordem!... Shut!... Se a voz levanta  
Cessa tudo o que a antiga musa canta...

. . . . .  
(Tremblez cocos!... Il finit son café...)

—N'um sonho todo feito de Bucelas,  
Chapeu á marialva, fato preto,  
**João Fernandes** volta das vielas.  
Oh porcalhões! Encolham as canelas,  
Deixem passar um Mestre do Soneto,

NOTA — João Fernandes leu e diz que minto;  
Já não bebe Bucelas, bebe tinto...

—Entrou **Mario Beirão**, alheio á vida,  
Não é algum que pede uma Zagran,  
E' a voz d'Hontem, d'Hoje, d'Amanhã  
Na bôca da Paisagem dolorida—

A seguir—**Costa Pinto**—o redondel  
Agita-se, e nos olhos d'essa gente  
Perpassa rápida a visão pendente  
Do que faltou ao Rei Dom Manuel...—

—Surge depois **Ferreira** (trés Paris...)  
Lisboa, lepra, lama, carne morta!...  
N'esta aldeia, a Maria Duplessis,  
Ia parar decerto á meia porta!

—«Á meia porta ou ao Desterro! Filhos,  
Quem não viaja não sabe o que é bom»...!  
E mostra-nos o lustro dos fundilhos,  
Brunidos pela crina do vagon...—

—E á porta d'essa casa de má-nota  
Faltava apenas assinar o escrito,  
Quando uma rude contração ignota  
Fechou de Satanaz a mão canhota  
Na benção ortodoxa d'um... bemdito.

(Reprodução prohibida)

No proximo numero 2.<sup>a</sup> parte  
— DA —

“**Brazileira do Chiado**”

## UM INCIDENTE COM A CRITICA

Um conflito, originado por uma falta de um pouco de diplomacia por parte de uma empresa teatral, que fez circular um manifesto em que a critica é violentamente atacada na sua nobre e digna independencia, motivou que todos os criticos de teatro se unissem num protesto unanime que deve definir eloquentemente que a critica quer manter a nobilissima insenção e mais do que nunca não está disposta a submeter-se á vontade ou conveniencias extranhas.

Esse conflito deu origem a um banquete de homenagem ao critico teatral do «Diario de Lisboa», que foi um nobre exemplo de alevantada e digna camaradagem.

Porque constitue uma afirmação de principios que á «Musica» muito convem registar, transcrevemos o discurso do nosso Director:

«*Meus Senhores*: Eu supuz vir aqui encontrar todos os meus camaradas da critica musical. Não foi por isso que vim, é claro.

«E' certo, porém, que não fazia tenção de falar aqui como critico de musica, visto que sou, talvez, dos mais novos de entre os criticos musicais. Assim falarei como tal e ainda na outra qualidade que me obrigava a falar, a de director de uma Revista de Arte.

«Deverá, a muitas pessoas, parecer extranho a minha presença aqui. E mais do que a minha presença, o facto de aqui falar.

«Tenho sempre, systematicamente fugido de assistir a banquetes de homenagem. Não porque não tenha muitissimas vezes a maior admiração pelos homenageados, mas porque não são gratas á minha maneira de ser, certas atitudes, que a muitos poderão parecer de intencional exhibicionismo.

«Mas trata-se neste momento, mais do que prestar homenagem a um camarada, embora muito presado, de marcar uma atitude nobre — a unica que podêmos e devêmos tomar — em face de um agravo lamentavel e irritante que toca a todos aqueles que exercem altivamente a bem difficil e delicada profissão de julgar das manifestações de Arte e dos Artistas.

«Tenho para mim que o critico tem para com o publico graves responsabilidades; que só uma nobre insenção, um criterio imparcial e superiormente justo lhe pode dar nesse publico a consideração, sem a qual se tornará estéril e, portanto, dispensavel a funcção que lhe está confiada.

«O critico deve ser, creio, o orientador do espirito do publico; deve, até certo ponto, ser o seu educador. E todos devêmos convir que a critica, até hoje, tem sido bem benevolente, tem tido demasiadas condescendencias.

«Lisbôa é uma cidade onde toda a gente se conhece, onde todos apertamos a mão uns aos outros, é certo. Mas que belo, que solutar, que digno exemplo dá o Artista que sabe aceitar os reparos do critico, quando eles é claro, são feitos com elevado criterio e dentro das rudimentares normas da boa educação, que eu tenho a certeza, não faltar em nenhum de nós.

«Por sua vez o critico dá uma alta lição quando, ao sentar-se no seu *fau-  
teuil* deixa de vêr em frente de si o amigo ou o inimigo, mas unica e muito  
simplesmente o Artista, o Artista que não pode ser inatingível — e errar é dos  
homens, — que muitas vezes pode até não ter elementos para reconhecer os  
seus erros.

«Parece-me, pois, de bôa oportunidade esta perfeita união de criticos e  
oxalá que, de ela resulte não só a convicção de que, mais do que nunca, de  
ora ávante terêmos de ser severos com os de casa e não menos com os ex-  
tranhos, sem, todavia, deixarmos, como nunca deixámos, de prestar a devida  
justiça, de ter na justa consideração o esforço de tantos artistas nossos, que  
não poucas vezes é grande e digno de encitamento e de aplauso. E que os  
Artistas se convençam de que o Critico não pode, não deve — e consequente-  
mente o não faz — subordinar o seu juízo a conveniencias ou interesses seja  
de quem fôr.

Porque falo mais como director de uma Revista que tem como programa  
o ser severa para os consagrados e benevolente para com os que começam,  
do que propriamente como critico, me apraz fazer estas afirmações.

Não devem os Artistas esquecer tambem que muitas vocações, muitos  
bons talentos se teem atrofiado pela vaidade, alimentada quasi sempre por  
uma muito mal comprehendida estima.

Porque sendo necessario que o Critico não desça na consideração do pu-  
blico, que Ele deve orientar — e para isso não pode condescender na sua di-  
gnidade, — mais do que nunca devêmos afirmar com altivez a nossa absoluta  
independencia, me associei a esta festa, ligando-me a Artur Portela que, neste  
instante deixa de ser o amigo para ser unica e simplesmente o critico, cuja  
dignidade foi posta em duvida. Disse.

---

#### Alberto de Figueiredo

A partir deste numero exerce o logar de secretario desta Revista o nosso  
excelente amigo Alberto de Figueiredo, cujas qualidades de inteligencia e tra-  
balho são penhor seguru para o desenvolvimento da nossa Revista.

---

#### Vasco Ripamonti d'Oliveira

Em virtude dos seus inumeros afazêres, que não lhe permitem dedicar-se  
com assiduidade ao logar de Secretario desta Revista, deixou esse cargo este  
nosso presado amigo, Vasco d'Oliveira continua entretanto a prestar-nos todo  
o seu auxilio moral, que a nossa amisadê não dispensa e com que a Revista  
muito conta.

---

#### Aos nossos assinantes

Por motivos de força maior, alheios á nossa vontade, sái o presente nu-  
mero da MUSICA com grande atrazo. Este interregno, porém, permitiu que  
firmássemos com bases ainda mais solidas o proseguimento da sua saida,  
correspondendo assim á gentileza com que o publico tem recebido a nova Re-  
vista de Artes. Por isso, e no desejo de normalisar a situação administrativa,  
faremos sair quinzenalmente os numeros que faltam para completar a pri-  
meira série.

# DOS LIVROS

POR NOGUEIRA DE BRITO

ANTONIO FERRO — «MAR ALTO»

Está feita, já a critica da peça de Antonio Ferro "Mar Alto" que em São Carlos, provocou uma autentica tempestade, aliás denunciada no proprio titulo, e alimentada por uma grosseira plateia de «novos ricos» e de pseudo criticos, que nas premiéres costumam pontificar a fingir de "entendidos».

Publicada a peça, o interesse da discussão reacendeu-se entre as pessoas que sinceramente a criticaram e em que poderá haver erros de visão mas nunca, *parti-pris* pelo menos na parte que toca a quem subscreve estes periodos.

Antonio Ferro prefacia a sua peça justificando o seu tema, defendendo o conceito moral que por ele perpassa, e fa-lo habilmente com aquela pericia vocabular que no autor de "Gabriel D'Anunzio e eu" é tão corrente.

Este prefacio vem abonar duma maneira decisiva a subtileza com que o manejadôr de planos, anima o seu estilo pitoresco e consegue banalisar o que parece ser muito austero e pelo contrario faz subir de quilate o que roça pela mais misera banalidade.

Por isso Antonio Ferro está bem á vontade e dentro da logica, quando defende o assunto da peça e o filia nas taras duma sociedade mal organizada, de, que contraditoriamente, o escritor noutras obras canta clamorosamente os primores. . . .

Acreditamos portanto que o distinto escritor, procurou mais fazer literatura *à la sensation*, do que atordoar, pelo menos com a contundencia da sua critica, certas deficiencias organicas duma sociedade gafada.

Mas Antonio Ferro deixou, até, a sua personalidade artistica muito diminuida, quando fez o "Mar Alto". Não nos parece o mesmo no seu «pitoresco» interessante de lapidario esquisito que afeiçoa á sua pena bizarra todos os motivos, joeirando-os atravez dos seus malabarismos fraseais que a muita gente irritam, mas que a nós detêm agradavelmente a atenção.

Antonio Ferro no seu prefacio ao «Mar Alto» foi injusto na sua suposição, e esgrimindo impetuoso, para todos os lados, foi alvejar pessoas que leem os seus livros com atenção e prazer, só porque duas ou trez horas do insucesso do dramaturgo, o azedaram na sua bonomica linguagem de cronista.

Não vale tanto a sua desforra. Ninguem lhe quer mal e tem admiradores, que considerando-o bastante como anotador curioso de acontecimentos, nem por isso são obrigados a palmeia-lo como comediografo.

Acabamos, neste momento, de ler uma das suas crônicas sobre terras portuguesas, e ficámos na dúvida sobre se o Antonio Ferro do "Mar Alto" não seria uma contra-facção do Antonio Ferro do livro sobre a tragédia do silêncio.

E, no silêncio preferimos então ficar, sem que nos obrigue a mudar de opinião o aceitação que a peça tão discutida, logrou no Brasil, cuja intuição literária não é de molde a transtornar a nossa opinião, por muito fracas que elas sejam e por muito que aquela possa ser.

---

#### GARCIA PULIDO — «FOGO SAGRADO»

Antes do "Fogo sagrado" escreveu um livro a que chamou "Nos braços da cruz". Lêmo-lo e meditamo-lo. Há nêle qualquer coisa de vago sob o ponto de vista de misticismo religioso. O poeta entronisa nos seus versos o mistério do Alem. A sua crença não é porem uma crença robusta feita de esperança e de ansiedade de melhores momentos. Por isso o poeta eleva-se acima do crente e na torturização da sua incerteza há como que uma divergência com o que os seus evangelhos de cristão lhe asseguram. Com todo o seu misticismo, com toda a aspiração infrene duma hora mais bem vivida, o que segundo êle só a religião poderá trazer-lhe, Garcia Pulido deixa-se subjugar bastante pela matéria que o agita na dúvida, do que pela resignação que a sua fé lhe aconselha.

É uma luta de leões que se trava no seu intimo e em que nem sempre o espiritualismo triunfa.

É esta talvez a nota fraca dos versos de Garcia Pulido, uma especie de vacilação que êle julgará não existir mas que, quem o lê demoradamente e fóra da influência do seu misticismo, enxerga facilmente.

Garcia Pulido crêmos que é Alemtejano mas um alemtejano que tem convivido com o bulício das cidades movimentadas, não só os seus olhares e o seu coração se tem encontrado com a estepa, tambem os seus sentimentos tropeçado por esta pseudo-civilização que nos oferecem os grandes meios.

Dáí esse desequilibrio que ainda mais se radica no livro que acabamos de ler "Fogo sagrado". O que Garcia Pulido nos mostra, principalmente nos sonetos, é a sua natural aptidão de metrificador e o seu ritmo nem sempre embala, do que não se pode duvidar é da sua justa colocação dura ás vezes, mas sempre certa. A forma literaria do autor do «Nos braços da Cruz» é despretençiosa quando descreve, mas enredada quando raciocina. Não se compadece com o seu estro, o filosofismo que aqui e ali transparece das suas poesias.

Garcia Pulido tem nos seus livros um aspeto pronunciado de decadentismo que parece já denunciar-se nos títulos dos livros que tem no prelo "A rua d'amargura": romance e "Missal dum torturado".

---

### **Colegio Liceu de Sintra**

Abriu as suas aulas o Colegio Liceu de Sintra, cujos alunos, no findo ano activo, obtiveram os melhores resultados nos liceus de Lisboa.

---

Na Livraria Portugalia - Rua do Carmo, á venda a obra de VICTOR MARGUERITTE

## D. Andrés González-Blanco

Morreu ha dias em Madrid este ilustre homem de letras hespanhol que traduziu para castelhano os melhores escritores nacionais.

Amigo da nossa terra, onde se não sentia *extrangeiro*, Andrés González Blanco visitava-nos a miudo.

Da ultima vez que lhe falámos—vai para dois anos—o nosso saudoso camarada referia-se com magua á injustiça com que aqui se julga a Nação irmã.

Procurámos desfazer-lhe a má impressão que lhe sombreava o espirito e infelizmente bem verdadeiro em parte.

González-Blanco, que era um perfeito homem de sociedade, percebeu-nos a intenção e *gentleman* como era, como são sempre os hespanhois, observou-nos: *Pero para vosoutros somos aun españoles...*

Pobre Andrés!

Hoje, que o teu Espirito requintadamente artistico, paira muito acima de nós todos nas regiões da Altura; hoje, que a tua Alma sinceramente peninsular subiu aos Páramos do Desconhecido a MUSICA, Revista de Artes, não pode calar a sua magua, perdendo-te para sempre.

Portanto a MUSICA, mensario dirigido e colaborado em parte por gente moça, curva-se de alma ajoelhada ante a tua campã aberta em terra bemdita e péde ao Espirito do escritor e do grande amigo da nossa malfadada Patria para que junto de Deus quando lhe pedir pela sua cavalheiresca Hespanha se lembre tambem do nosso Portugal a quem tanto quiz e admirou com justiça.

A seu irmão D. Pedro González-Blanco tambem distinto homem de letras e outro amigo das coisas portuguezas, apresenta a MUSICA a expressão do seu muito pesar.

## Thomaz de Lima

Organizado pela «Musica» vai realizar-se em dezembro, no salão do Conservatorio um concerto em que o notavel compositor Thomaz de Lima apresentou as suas ultimas obras.

A falta de espaço força-nos a deixar para o proximo numero o artigo que o valor de Thomaz de Lima nos impõe.

No concerto tomarão parte alguns dos nossos melhores artistas, havendo um justificavel interesse em virtude do grande valor de Thomaz de Lima cujas composições já teem merecido os mais elígiozes louvores por parte de alguns criticos estrangeiros.

No proximo numero nos referiremos mais de espaço a este concerto, organizado pela «Musica», por estar perfeitamente a dentro do seu programa.



DEVE



HAVER

Peça  
o  
prospeto  
gratis  
ao  
**INSTITUTO  
NACIONAL  
DE  
ENSINO  
POR  
CORRESPON-  
DENCIA**

L. Trindade Coelho, 6  
LISBOA

E verá  
que  
pode  
aprender  
em  
casa  
e em  
pouco  
tempo  
**ESCRITURAÇÃO  
E  
CONTABILIDADE**

## PIANOS-MUSICAS

Antonio J. P. Sampaio, L.<sup>da</sup>

Pianos e auto-pianos

**BALDWIN**

F. Weber

**Pianos**

Liebmann

Steinmayer

Vendas a pronto e a prestações

Musicas nacionaes e estrangeiras

Secção de bilhares de precisão e accessorios

**Largo da Graça, 125, 126, 127, 128 e 129**

(CASA FUNDADA EM 1880 NA TRAVESSA DO MONTE, 14)

**Telef. C. 741**



## OFICINA GRAFICA A NACIONAL

Trabalhos Tipograficos

EM

...: TODOS OS GENEROS ...:

Rua Diario de Noticias, 28 e 30  
Travessa da Esoura, 21, e 23  
...: LISBOA ...:

Revistas ilustradas-Bilhetes

de visita - Facturas - Memo-

randuns e cheques-Circula-

res - Mapas e envelopes. ...:

...: Relatorios ...:

...: Jornais - Fotogravura ...:

Encadernações simples e de

...: luxo ...:

...: Rótulos e Placards ...:

## ALFAIATARIA GALERIA DA MODA

DE

**Alberto Azevedo**

**Avenida da Liberdade 87-1**

Telefone N. 2885

OFICINA GRAFICA  
A NACIONAL



**MUSICA**

REVISTA DE ARTES

Rua Diogo de Vasconcelos, 8 e 30  
Livraria de Arte e Officina de Gravura e Litografia

..... LISBOA .....

**CONDIÇÕES DE ASSINATURA**

Revistas ilustradas - Bilhetes

ANO SEMESTRE

Continente e ilhas, 10400 30400

Colômbia, 10400 30400

Estrangeiro, 60 francos 30 francos

Brazil, 50400 25400

..... LISBOA .....

Numero avulso, 600

..... LISBOA .....

Colaboram neste numero:

ANTONIO STUBBS DE LA

CERDA, JOSÉ CASTELLO DE

MORAES, NOGUEIRA DE

BRITO, PEDRO HECTOR

BLOENBERG, ANTONIO

DIAS COSTA, IVO CRUZ, OS-

CAR DA SILVA, CARLOS

ABREU, ANTONIO DE CER-

TIMA, FRANCISCA D'AYRE,

ANTONIO BOTTO.

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

..... LISBOA .....

**DEVE** **HAVER**

---

**BELAS COMO AS ROSAS**  
**VOS TORNAREIS**

USANDO DIARIAMENTE

**Agua, Crème e Pó d'Arroz**

**RAINHA**

**HUNGRIA**

DA

**ACADEMIA**

**SCIENTIFICA**

DE

**BELEZA**

**LISBOA**

Avenida da Liberdade, 23

do Rio de Janeiro

Tele. fone N. 3641

gramma BELEZAK

**RIO DE JANEIRO**

Rua 7 de Setembro, 166

Tele. fone N. 701

gramma BELEZAK

**CRUZ DE**  
**MERITO**  
**INDUSTRIAL**  
**NA EXPOSIÇÃO**  
**DE MILÃO**  
**1920**

Como. e Imp. na Oficina Grafica A Nacional  
Rua Diogo de Vasconcelos, 8 e 30 A

Rev.